

O FIM DE UM EXÉRCITO

Ten-Cel ADYR FIUZA DE CASTRO
Oficial de EM

INTRODUÇÃO

A História do Império Russo não é muito conhecida entre nós. Vários fatores para isso contribuem, entre os quais o mais importante é, sem dúvida, a falta de documentação e de livros sobre o assunto.

É natural, portanto, que conceitos falsos se firmem, por falta de conveniente correção, e que interrogações persistam no espírito dos estudiosos sobre os acontecimentos que decretaram a queda do regime Czarista e a ascensão ao poder dos comunistas.

Um dos conceitos falsos mais difundidos é o de que foi a "Revolução bolchevista" que derrubou o regime imperial. Na realidade, o Czarismo foi abatido por uma revolução democrática e liberal, cujos líderes foram, pouco a pouco, sendo dominados e eliminados por uma minoria altamente agressiva — a "ala maximalista" do Partido Social Democrático, também denominada de "bolchevista".

A "Revolução Vermelha" foi, de fato, uma revolução "branca", pois, não encontrou reação digna de menção, pelo menos na ocasião em que eclodiu.

Outra idéia falsa é a de que o Exército Imperial já havia sido irremediavelmente batido pelos germânicos, por ocasião da revolução, e que, por isso, a ela não ofereceu resistência. Na verdade, o Exército Russo tinha sofrido várias derrotas, mas mantinha-se firme, talvez mesmo mais firme que os de seus aliados ocidentais àquela época. A prova disto é que, mesmo após a queda do Czar, empreendeu vigorosa ofensiva, com apreciáveis resultados.

A grande interrogação que persiste é a de como permitiu aquele poderoso Exército — cuja tropa absolutamente não estava minada pelo germe comunista — a sua própria destruição por um punhado agressivo de políticos extremistas.

Intentaremos descrever, muito sumariamente, o Exército Imperial Russo, seus valores, suas deficiências, sua perplexidade face aos acontecimentos políticos, e, finalmente, seu calvário e destruição.

O Exército Imperial

ORIGEM E EVOLUÇÃO ATÉ 1914

O Exército Imperial foi uma das muitas criações do jovem e dinâmico líder Pedro, o Grande, que dele se utilizou para esmagar os restos de feudalismo ainda existentes na Rússia, que se opunham e entravavam as profundas reformas empreendidas pelo enérgico monarca "contra todos e em benefício de todos".

O decreto de criação do Exército, de 16 de novembro de 1699, é deveras surpreendente. Quase um século antes da Revolução Francesa e de Carnot, Pedro instituiu um "Exército Nacional", sem mercenários e sem enxertos.

O gênio criador e organizador do Czar estampa-se no decreto. Suas determinações são absolutamente inéditas para a época e ainda hoje são válidas. Alinhemos algumas:

— o serviço militar é obrigatório, e não admite isenções, nem mesmo para a nobreza e o clero.

— as promoções baseiam-se no mérito e nos estudos. O nascimento não dá direito a nenhuma graduação: muito ao contrário, são as platinas que conferem nobreza a seu detentor. Destarte, um século antes de Napoleão, "cada soldado conduz, em sua mochila, o bastão de marechal".

A primazia do moral é a marca registrada de toda a obra; o ideal nacional, o sentimento do dever, da honra e da fidelidade, aparecem repetidamente em suas proclamações.

Mas, como bem conhecia seu povo, o imperador não descuidava da disciplina. A intemperança, a preguiça, o relaxamento, a desordem e a desonestidade são implacavelmente reprimidas.

A amplitude da obra de Pedro não se presta a um resumo, pois partindo praticamente do nada, criou um Exército que, ainda hoje, com as necessárias adaptações impostas pela evolução do material, serviria de exemplo a qualquer nação.

Durante mais de duzentos anos o Exército Imperial viveu dos frutos dessa obra, conhecendo períodos gloriosos sempre que seus chefes esforçaram-se por seguir os ensinamentos do grande Czar, e amargando duras derrotas sempre que deles se afastaram.

Assim é que, após as retumbantes vitórias de Rumiantzov e Suvorov durante o reinado de Catarina, a Grande, ascende ao trono Paulo I. O novo Czar é um entusiasta do militarismo prussiano; por isso, em seu reinado, a forma prima sobre o espírito; as paradas e desfiles assumem papel preponderante; a nobreza fica isenta do serviço militar; a Guarda Imperial cresce de importância, a ponto de seus dois Regimentos iniciais se transformarem quase em um Exército à parte, uma instituição privilegiada e inacessível aos pobres e remediados.

As conseqüências logo se manifestam. No reinado seguinte, de Alexandre I, o Exército sofre as amargas derrotas de Austerlitz, Eylau e Friedland, cuja responsabilidade não pode ser atribuída, apenas, ao gênio militar de Napoleão, e sim, também, aos desacertos do Exército Imperial Russo.

Os "puros" do Exército tentaram rebelar-se contra êsse estado de coisas, mas sua enérgica repressão, na sublevação frustrada que teve lugar por ocasião da morte de Alexandre, manteve o Exército afastado das diretivas do Grande Czar. Tal episódio é muito importante, pois marca a ampliação da vigilância interna do Exército e a "despolitização" crescente do Corpo de Oficiais que vai, por um lado, matar todo o "inconformismo" e, por outro, ocasionar sua completa perplexidade em face dos acontecimentos políticos de 1917.

Após a derrota contra o Japão, em 1905, causada, principalmente, pelas falhas do Alto Comando, o Exército esboçou uma reação contra suas mazelas. Ao mesmo tempo que reiterara sua lealdade ao regime, reprimindo com energia a revolução de 1905, o Exército empreendeu algumas reformas, tanto mais difíceis quanto tinham de ser efetuadas sob a violenta crítica dos políticos opositoristas, pois, a partir daquela época, a instituição se havia convertido no principal inimigo dos revolucionários que desejam alterar o regime. A recuperação fêz-se a largos passos; os ensinamentos da guerra contra o Japão foram examinados com rigor; grandes esforços foram feitos para aperfeiçoar os quadros e instruir a tropa. Simultaneamente, a industrialização do país fêz grandes progressos e a Rússia conheceu uma expansão econômica sem precedentes. Apenas o Alto Comando permaneceu imune às reformas; a necessidade de agradar ao poder para galgar o generalato e o temor permanente de desgostar o Czar para não perder a comissão, explicam de sobejo a inépcia do Alto Comando Russo, com a exceção de alguns raros Generais.

A evolução política, contudo, não seguiu o mesmo caminho; longe de se atenuar, acentuaram-se os antagonismos e avolumaram-se os erros. A questão agrária — problema chave da Rússia — não foi resolvida e às massas camponesas sentiam-se defraudadas; com o desenvolvimento industrial, apareceram os primeiros problemas sociais, as reivindicações e as greves. Com a opinião pública profundamente dividida, os partidos políticos se agitavam, oficial e subterraneamente.

Ao iniciar-se o ano de 1914, o país não parece em condições de suportar uma guerra longa e dura, nem mesmo uma simples campanha. Mas o Exército, "despolitizado", tudo isto ignora, e prossegue em seu afã de aperfeiçoamento.

O EXÉRCITO IMPERIAL EM 1914

O Exército russo de 1914 ainda não havia conseguido dominar tôdas suas debilidades. A despeito do serviço militar obrigatório,

apenas 50 % eram submetidos à conscrição; os outros 50 % obtinham isenções, por privilégios injustificáveis: nobreza, clero, estudantes e apadrinhados furtavam-se ao serviço.

Por outro lado, não constituía um todo homogêneo, pois existiam, na realidade, três Exércitos: a Guarda, o "Exército" e os Cossacos.

Para ter uma visão de conjunto dessas forças examinemos, sumariamente, seu Alto Comando, os quadros, a tropa, as armas e serviços, o material e a doutrina.

Alto Comando

Conforme já expusemos anteriormente, os Generais russos eram, de um modo geral, incompetentes, acomodados e subservientes

O favoritismo e as intrigas freqüentemente eram o único carinho para o acesso ao generalato, o que provocava a falta de fé, de dinamismo e de capacidade dos generais. Os raros chefes de alguma valor, como Alexeief, Brussilov e Russky, ignoravam completamente a situação política e social do país e, por isso, foram ultrapassados pelos acontecimentos quando forçoso lhes foi tomar decisões de cunho político, em 1917.

Corpo de Oficiais

O Corpo de oficiais podia ser considerado bom, no conjunto. A ampliação e excelente rendimento de suas escolas de formação, de aperfeiçoamento, e de especialização tinham produzido bons resultados. Bem instruídos, profissionalmente capazes, apegados à tropa e, sobretudo, valentes, eram os oficiais verdadeiros condutores de homens, como o comprova a elevadíssima percentagem de suas baixas durante a Guerra 1914-1917. Contudo, não apresentava homogeneidade. Superpondo-se à clássica e universal rivalidade de armas, distinguia-se uma rivalidade de "classes", entre os oficiais da Guarda, da Tropa, dos Cossacos, e do Corpo de Estado-Maior.

Os oficiais da Guarda tinham que ser, necessariamente, muito ricos, pois não recebiam sôlido e lhes era mister adquirir, com seus recursos próprios, as armas e animais para o serviço e, ainda, financiar a intensa vida social da Unidade a que pertencessem. Pais e filhos se sucediam nos Regimentos da Guarda, gozando de inúmeros privilégios, entre os quais o da odiosa promoção ao posto superior, quando, por algum motivo, fôssem transferidos para unidades do "Exército". Os oficiais do "Exército" tinham origens sociais muito heterogêneas: nobres de poucos recursos, burgueses, camponeses e proletários.

A condição social desse oficial era das mais modestas; soldos baixíssimos, péssimas guarnições, desprestígio público e obrigação de manter uma "representação condigna", só tinham compensação no amor à profissão.

Sua situação econômica e a implacável vigilância política, faziam-nos correr sérios riscos de estagnação e conformismo. Muitos deles, por ambição, amor ao estudo ou reação contra a ignorância, candidatavam-se ao concurso a uma das Academias (de Estado-Maior, de Artilharia, e de Engenharia), particularmente à de Estado-Maior. Sendo o número de aprovados muito reduzido, e diplomados apenas os 36 primeiros colocados de cada turma após três anos de intensos estudos, era natural que surgisse um grande número de descontentes e frustrados, que hostilizavam o Corpo de Estado-Maior, agravando a falta de coesão do quadro de oficiais.

Para complicar ainda mais a situação, existiam os oficiais dos Cossacos, força independente de características muito peculiares, cuja origem comum e estrutura social "sui-generis" provocam grande coesão interna, mas também divórcio quase total do restante das forças do país.

Suboficiais e Sargentos

Os Sargentos eram formados na tropa. Ainda que apenas um reduzido número deles conseguisse reengajar a duração do serviço militar — três anos — permitia sempre a existência de excelentes sargentos nas fileiras. Eram ignorantes, mas possuíam grande autoridade sobre a tropa, por sua férrea disciplina e comprovada valentia.

Tais qualidades os credenciavam como excelentes executantes, mas péssimos dirigentes. Enquadrados, obravam prodígios; sem o conveniente enquadramento, mostravam-se desorientados, indecisos e violentos.

Tropa

Como consequência das isenções graciosas, a tropa era formada, em sua quase totalidade, por camponeses; disciplinada, religiosa e bem instruída, continuava a dar provas das qualidades permanentes do soldado russo: bravura, tenacidade e espírito de sacrifício.

O micróbio revolucionário poucos progressos havia feito no âmbito das unidades combatentes; o mesmo não acontecia entre os elementos dos diversos contingentes de depósitos e instalações do interior, compostos, em sua maioria, por estudantes e operários que, não tendo conseguido evitar a conscrição, buscavam funções menos árduas que as da tropa.

As unidades cossacas representavam as únicas tropas profissionais. De acordo com seu "estatuto", os Cossacos eram militares desde o nascimento, permanecendo em suas tribos sujeitos a freqüentes exercícios de mobilização, desencadeados a uma simples "ordem de alerta" do comandante territorial, que acumulava estas funções com as de Chefe

do Clã. Todos livres, pequenos proprietários, orgulhosos e ciosos de suas liberdades e prerrogativas, constituíam uma casta de "trabalhadores soldados", bem acima do resto da população rural. Ressalte-se, ainda, que é um grupo coeso, com excelentes relações entre os quadros e a tropa. É necessário atentar nestas características, pois serão os Cossacos os elementos que oferecerão maior dificuldade ao domínio dos bolchevistas que, até hoje, não conseguiram "domá-los" totalmente.

Armas

A Infantaria constituía, como em todos os países, o elemento básico do Exército. A experiência da Guerra contra o Japão havia permitido aperfeiçoar sua instrução, e podia ser considerada como das melhores da época. Sobressaía-se principalmente no que se refere à instrução de tiro, que era muito esmerada, à organização do terreno e às técnicas de assalto.

A Cavalaria, tanto a regular quanto a cossaca, era particularmente bem preparada, mercê não só dos excelentes ginetes natos como, e principalmente, da insuperável remonta disponível no país. Contudo, os cavalheiros reagiam enérgicamente ao treinamento do combate a pé, que reputavam humilhante e em desacôrdo com o espírito da Arma. Tal atitude prejudicava um tanto a sua eficiência de combate.

A Artilharia sempre foi uma arma de elite na Rússia, como ainda o é na União Soviética. Possuía excelentes quadros e ótimo material mas, devido ao atraso industrial, sofria grande carência de munições.

A Engenharia não tinha grandes efetivos, mas sua tropa era muito boa.

Serviços

O Serviço de Saúde era razoável; havia poucos médicos, o que era, em parte, compensado pela existência dos "licenciados", de nível um pouco superior ao do enfermeiro.

O Serviço de Intendência era péssimo; aliás, esta parece constituir uma deficiência sistemática, pois ainda hoje é o "calcanhar de Aquiles" do Exército Soviético. Uma espécie de desonra se apegava à função de intendente, fato que, sem dúvida, não estimulava as vocações dos que nesse Serviço ingressavam; a imprevidência, a rotina, a desorganização e, sobretudo, a completa falta de honestidade, eram os principais atributos do Serviço de Intendência.

Existiam, ainda, o Serviço de Estradas de Ferro, a Capelanía e o Serviço de Justiça Militar; êste último gozava de grande independência e era pouco militarizado, circunstâncias que foram largamente aproveitadas pelos revolucionários.

Materiais

O Exército dispunha de bom armamento, sobretudo de Artilharia, mas em quantidades bem inferiores às necessárias. A carência de munições foi um dos fatores preponderantes nas derrotas de 1914. O equipamento podia ser considerado bom para a época.

Doutrina

A doutrina dava grande ênfase às forças morais, de acôrdo com os ensinamentos do grande Czar e de Suvorov.

O espírito de corpo, com suas tradições e seus cânticos compostos pelos próprios soldados, o cunho místico do juramento ao Czar, a veneração religiosa da bandeira, a missa em comum tôdas as manhãs, e o cumprimento em unísono ao chefe demonstravam o cuidado extremo do Exército com o moral de seus homens.

De resto, a doutrina continuava tradicionalmente ofensiva; a defensiva era apenas admitida como recurso temporário, em casos de força maior.

* * *

Pela rápida síntese que apresentamos, verifica-se que o "instrumento" é excelente e sua doutrina indiscutível. A sabedoria popular, todavia, indica que "nenhuma corrente é mais forte que seu elo mais fraco" e o Exército imperial conta com dois elos fraquíssimos: o Alto Comando e o Serviço de Intendência.

As tropas farão prodígios tentando cumprir ordens absurdas de chefes incapazes, sem munição para combates e até sem víveres; surpreendentes não serão suas derrotas parciais mas sim que não tenham sido irremediavelmente destruídas pelo inimigo e que só caíam pelo desmoronar da retaguarda.

* * *

A Guerra

É evidente que não será possível a apresentação sequer de uma síntese da guerra 1914-1917. Portanto, focalizaremos apenas os seus principais eventos que concorreram para a destruição do Exército Imperial.

A guerra se iniciou com um profundo e trágico erro estratégico. A Rússia tinha dois poderosos inimigos a enfrentar: ao Norte, o Império Germânico e, ao Sul, o Império Austro-Húngaro, além de ter que prover uma forte cobertura face a um inimigo tradicional em potencial — a Turquia.

Um elementar exame da situação demonstraria que as forças russas eram insuficientes para pretender atacá-los simultaneamente. Impunha-se, portanto, a ofensiva sôbre apenas um dos inimigos e essa não poderia iniciar-se antes de D+30, data prevista com otimismo para término da mobilização.

Ora, todos os planos tinham sido feitos para efetuar essa ofensiva ao Sul, não só por ser o Império Austro-Húngaro o inimigo mais débil, como também o mais perigoso, por sua proximidade de zonas vitais do Império Russo.

Os frenéticos apelos dos aliados ocidentais propugnavam, contudo, por uma ofensiva sôbre a Alemanha, de forma a aliviar a inexorável pressão que as forças germânicas exerciam sôbre a França, já em situação crítica.

Urgia optar. Mas o Alto-Comando imperial, que não estava à altura da situação decidiu, desastrosamente, atacar simultaneamente tanto ao Norte como ao Sul e, agravando o êrro, iniciar a ofensiva a D+15, com a mobilização ainda incompleta.

Os resultados do êrro não se fazem esperar. Ao Sul, nada é obtido, a não ser a estabilização da frente; ao Norte, os russos amargam a fragorosa derrota de Tanenberg, com o total aniquilamento do II Ex (Samsonov) e a retirada desastrosa, embora heróica, do I (Renekampf). O revés causou profunda decepção no povo. Surgiram os rumôres de incompetência e até de traição do Alto-Comando. Mas o ano de 1914 finda sem que o inimigo tivesse conseguido penetrar no território russo, ainda que faltem víveres e munições na frente e que as perdas, em homens e materiais tenham sido incalculáveis.

Em 1915, o Exército, mesmo exangue, faminto e batendo-se a arma branca, pois o remuniamento ainda é precário, consegue deter o inimigo, se bem que à custa da perda da Polônia, da Rússia Branca e dos Estados Balcânicos.

Em 1916, a situação melhora. A tropa começa a receber o equipamento e as munições de que carece, mercê das severas medidas tomadas contra a ineficiência do Serviço de Intendência. Com êsse auxílio, desencadeia-se uma ofensiva geral cujos resultados são pequenos, apesar das grandes baixas sofridas. Ressalte-se que, na época, todos os beligerantes, inclusive franceses e alemães, se achavam perplexos em face da "guerra de trincheiras", não havendo ainda a tática encontrada um recurso para vencer a estabilização.

Apesar das terríveis perdas, o Exército mantém-se firme e coeso. A disciplina ainda mais se solidifica, pois os perigos e privações compartilhados pelos quadros e pela tropa estreitam sua camaradagem e respeito mútuo.

A retaguarda, contudo, começa a ceder. Os erros de alguns, a ganância de outros, o relaxamento das elites e, sobretudo, a mobilização dos elementos até então isentos, geram um sensível desconten-

Sob a pressão conjunta do Gen Russky e dos representantes da Duma, que exageram propositadamente o motim de Petrogrado, e convencido de estar agindo para o bem de seu povo, o Czar abdica em seu nome e no de seu filho em benefício de seu irmão — o Príncipe Miguel — bem como nomeia comandante-em-chefe do Exército o popular e enérgico Grão-duque Nicolau.

Mas o Príncipe Miguel recusa-se a assumir as funções e o Grão-duque nem sequer consegue atingir seu QG. Em consequência, assume o poder um "Governo Provisório", composto de representantes da Duma, ao mesmo tempo que, ao lado dêsse Poder Legal, instala-se um poder de fato, o "Conselho (Soviet) de Operários e Soldados", integrado pelos cabeças do motim de Petrogrado.

A situação criada não é original, pois a mesma coisa se havia passado durante a Revolução Francesa, entre a Assembléia e a Comuna de Paris. Os democratas da Duma haviam alentado e insuflado os amotinados, a fim de obter um pretexto para sua "manobra", mas, terminada esta, quais novos aprendizes de feiticeiro, não sabem como desfazer sua mágica.

Acresce que o Poder Legal se acha tolhido por suas idéias democráticas sôbre a liberdade e dividido pelas naturais divergências político-partidárias. Por isso, não está em condições de reagir contra as demagógicas provocações do poder de fato e acaba por aprovar sistematicamente tôdas as ordens emanadas do Soviet.

Fugiria aos objetivos dêste estudo expor e analisar o verdadeiro caos que a situação política provocou em todo o vasto território russo. Cingir-nos-emos, pois, a tratar do setor que nos interessa, o Exército, mas é preciso não perder de vista que a situação geral era de completa anarquia, agravada pela extinção da Polícia — a detestada Ocrana — e sua substituição pelas "milícias populares".

* * *

A leitura da ata de abdicação do Imperador havia produzido um efeito de profundo estupor em todo o Exército, até mesmo nas Grandes Unidades e Unidades da Frente Norte cujo comandante se acumpliciara com os conspiradores.

Não obstante, o fato estava consumado, pensaram os quadros, e a realidade era que o Czar os havia liberado do solene juramento, embora em circunstâncias ainda não esclarecidas. Havia uma guerra a lutar, e o inimigo não dava tréguas. Portanto, o remédio seria adaptar-se à nova situação e cumprir as ordens do único "governo legal" existente, enquanto as coisas não se esclarecessem, mesmo porque, mercê da "despolitização", ninguém entendia os acontecimentos.

Eis que chega a "Ordem n. 1", do Soviet (que raios de organização será esta? interrogam-se oficiais e graduados), convenientemente

sancionada pelos senhores do governo provisório. Determinava ela que fossem abolidos todos os sinais de respeito e as insígnias de pôsto e graduação; além disso, estabelecia a criação de Comitês nos corpos de tropa, os quais deveriam "eleger" os comandantes e graduados. Em todos os escalões, a ordem causou estupefação, mas era uma "ordem legal", emanada através dos canais hierárquicos competentes; não cumpri-la seria insubordinação e, assim, a ordem foi sempre remetida aos escalões subordinados, onde o drama se repetia. A ordem foi, pois, cumprida, não sem graves danos para a disciplina, ainda que, na maioria das unidades, os comandantes e graduados eleitos tivessem sido os que já estavam em função antes da ordem.

A "Ordem n. 2", baixada logo após, determinava o "expurgo" de todos os comandantes de Frentes e dos elementos que mais se haviam oposto à "Ordem n. 1".

Irremediavelmente comprometido com o novo regime, em virtude do acatamento à anterior, o Exército também cumpre a nova ordem, resvalando assim pela vertente que o conduzirá à ruína.

Em abril, chega da Suíça, em vagão lacrado, via Alemanha, a equipe dirigente da "Ala Maximalista" do Partido Social Democrático, com Lenine à frente. Daí por diante, os acontecimentos se precipitam, pois os recém-chegados, dogmáticos e bons organizadores, apoderam-se do Soviet, que lhes servirá de trampolim para galgar o poder.

Segue-se um confuso período, em que o Governo Provisório e o Soviet se digladiam verbalmente e no qual, ao invés das "jornadas sangrentas" propugnadas pelos revolucionários, o que surge é uma efusão imensa de saliva, cada qual querendo ultrapassar o outro em demagogia. Apesar de tudo, o Exército, sob o comando do Gen Brussilov, desencadeia em junho uma poderosa ofensiva na Frente Sudoeste, na qual o governo deposita grandes esperança para obtenção da vitória. Como sempre, àquela época, a ofensiva obtém grandes sucessos iniciais à custa do heroísmo dos quadros mas ainda não se encontraram os recursos táticos que impeçam o inimigo de "tamponar as brechas" e contra-atacar. O Exército, exausto e dizimado, é novamente detido, recomeçando a estabilização.

Produz-se uma crise no governo. O Ministro da Guerra, Kerensky, acusa os quadros de covardia e substitui, por "incompetência", o Gen Brussilov pelo Gen Kornilov, um dos mais bravos e prestigiados generais do Exército russo, mas absolutamente ignorante de assuntos políticos.

Os desmoralizantes decretos do Soviet continuam a ser emitidos, como sempre aprovados pelo Governo. Suprimem-se as platinas, desautorizam-se as condecorações, iniciam-se os julgamentos dos comandantes pelas tropas.

O sofrimento dos oficiais russos dessa época é indescritível. Sacrificados, humilhados, assistem, impotentes, à trágica decomposição

de seu Exército e à profanação de seus mais caros ideais, nas áreas de uma política que não entendem e que — suprema amargura! — os aponta à Nação como responsáveis por tôdas as desgraças.

Em 16 de junho o Soviet acredita que seus planos estão maduros e passa à ação direta por intermédio de suas milícias a fim de se apossar totalmente do poder.

O govêrno se assusta, e eleva Kerensky ao cargo de Presidente do Conselho, o qual determina a prisão de Lenine e seus asseclas, mas o chefe marxista foge para a Finlândia; apenas Trotsky e outros dirigentes de menor importância são presos. Para consolidar sua vitória política, Kerensky determina ao Gen Kornilov que envie para a Capital algumas tropas fiéis. O Comandante do Exército está para cumprir as ordens, e as tropas já estão a meio caminho quando o' Chefe do Govêrno, dando ouvidos aos intrigantes que apontam o General como um nôvo Bonaparte, decide dar contra-ordens. As tropas regressam à frente e o Gen Kornilov é destituído e prêso sob a acusação de conspiração para restaurar a coroa, enquanto Trotsky e seus comparsas são libertados.

Assume o comando do Exército o Gen Dukonine que, por ordem de Kerensky, procede a um "expurgo" geral nas fileiras de oficiais, os quais são demitidos e licenciados — quando não são presos e deportados para a Sibéria — sob o pretexto de cumplicidade com a conspiração de Kornilov.

Surpreendentemente, o Exército continua a manter suas posições. Mantém-nas de modo simbólico, tal a anarquia que grassa, porém os alemães hesitam em desferir qualquer golpe mais ousado, talvez intrigados com a transformação radical de um adversário outrora tão temível.

Em outubro, cômscio da fraqueza do poder, os Bolchevistas iniciam nova insurreição em Petrogrado. Essa "jornada histórica" que a propaganda comunista procurou imortalizar teve, na realidade, o aspecto de palhaçada trágica, à medida que os fantoches do Govêrno Kerensky iam aos poucos retirando-se ignominiosamente do palco.

O Exército não se manifestou; Kerensky não o ludibriaria mais uma vez, e os oficiais, ao tomarem conhecimento dos fatos, encolhiam indiferentemente os ombros. "Não foi êle, Kerensky, quem depôs o Czar?

Não nos acusou de covardia? Não prendeu Kornilov e nossos camaradas? Não foram os senhores dêste govêrno que engerdram tôda essa anarquia que aí está? Pois agora que se arranjem e mostrem sua coragem", é o que nossa imaginação pode ouvi-los murmurar, talvez em linguajar bem mais enérgico e peculiar a militares irritados de que aquêle que apresentamos.

O Presidente do Conselho demonstrou sua valentia fugindo da capital (e posteriormente do país) disfarçado em vestes femininas.

Alguns ministros, refugiados no Palácio de Inverno, tentaram resistir com o auxílio de um grupo de cadetes e de um batalhão de mulheres. Mas o cruzador "Aurora", em poder dos bolchevistas, subiu o rio e fez alguns disparos; os ministros renderam-se, em seguida, não sem que antes o batalhão de mulheres houvesse feito uma surtida desesperada e heróica. Essa foi a única resistência que encontrou o golpe comunista na capital. Em Moscou, os cadetes ofereceram uma resistência mais tenaz e foram todos massacrados.

Assim que assumem o poder, os comunistas determinam ao Gen Dukonine que inicie negociações de paz com os inimigos.

O General hesita e pondera mas os tempos mudaram e os novos amos são duros. O Comandante-em-Chefe é exonerado e substituído pelo Aspirante da reserva "camarada" Krilenko que, após prendê-lo, o assassina em seu próprio QG.

Os parlamentares entram em contato com os alemães. Antes mesmo que as negociações de paz sejam concluídas, o decreto de desmobilização geral, de 10 de fevereiro de 1918, assinala oficialmente o fim do que havia sido, um dia, o Exército Russo.

* * *

Os soldados abandonaram as trincheiras e regressaram às suas aldeias. Os oficiais, confusos e cabisbaixos, sem platinas nem medalhas, vagaram pelas cidades, à cata de algo para se alimentar. Alguns emigraram; outros, alistaram-se no recém-criado "Exército Vermelho de Operários e Camponeses", como conselheiros técnicos ("spets") já que um decreto lhes interdizia o exercício de toda a função de comando; muitos procuraram juntar-se às unidades da Sibéria, da Frente Turca ou dos Cossacos, que não haviam reconhecido o novo Governo.

Vai iniciar-se uma nova fase do drama: a Guerra Civil. Mas essa, como diria o contista, já é outra história.

